

CLAUDIO MARTINS, UM NOVO “PADEIRO”

Barros Alves

Confesso que muito pouco sabia sobre o movimento (um monumento!) literário surgido aqui na província em fins do passado século e que significativamente denominava-se “Padaria Espiritual”. Creio que não somente eu, mas a esmagadora maioria dos jovens de agora, pelo menos os interessados nas coisas do espírito, se ressentem da carência de reedições de obras literárias consideradas imprescindíveis à consulta pelos que estudam ou pesquisam a literatura cearense.

Assim é que recebemos com indizível alegria a aparição da edição fac-similar d’“O Pão”, periódico da “Padaria Espiritual” que teve seu último número, o trigésimo sexto, publicado no dia 31 de outubro de 1896. Como se sabe — muitos somente agora — a “Padaria Espiritual” foi uma entidade literária verdadeiramente revolucionária para a época, a começar pela estrutura e constituição estatutária.

Alguns escritores negam a veracidade de tal assertiva. Todavia é facilmente visível n’ “O Pão” o vanguardismo das idéias dos intelectuais que o escreviam. Sob o lema “Amor e Trabalho” os “padeiros” — assim se chamavam os membros da “Padaria” — eram antiburgueses e professavam um nacionalismo exacerbado que chegava às raias da xenofobia. Aos “padeiros” era proibido, por exemplo, “o uso de palavras estranhas à língua vernácula”, como se observa no item XIV dos estatutos. Além dessa providencial e salutar cláusula redigida com o claro intuito de preservar a pureza do idioma, o regulamento da “Padaria” vai mais adiante quando estipula: “Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhas à fauna e à flora brasileira, como

cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.” O vigésimo oitavo item dos estatutos da inaudita agremiação, mais radical, diz que será punido qualquer dos membros que ouse recitar ao piano. Os próprios pseudônimos usados pelos “padeiros” denotam a genuinidade do famoso Grêmio Literário: Venceslau **Tupiniquim** (Jovino Guedes), Moacir **Jurema** (Antônio Sales), André **Carnaúba** Antônio Bezerra), Alcimo **Bandolim** (Carlos Vitor) etc.

Vale lembrar ainda o aparecimento n’ “O Pão” de artigos de crítica mordaz contra a burguesia, bem como algumas alfinetadas no Clero. Logo no terceiro número, que na verdade é o quarto, encontramos na secção “Sabatina”, assinado pelo “padeiro” Félix Guanabarino (Adolfo Caminha), um artigo em que o romancista de “A Normalista” faz ácida crítica à burguesia, conceituando o burguês como um “grandíssimo fascinora da civilização” o qual, segundo ele, é o culpado de todos os males da sociedade. E o “padeiro” continua sem papas na língua: “se a humanidade ainda sofre e geme, a culpa é dela, da burguesia, esse flagelo de todas as grandes virtudes, esse algoz da estética e do bom gosto, cujas aspirações, em suma, resumem-se neste preceito ignóbil: — **encher bem a pança e ganhar dinheiro.** (O grifo é dele).

A Igreja não ficou livre da pena venenosa de alguns “padeiros” e assim vemos pensamentos como este de Alcino Bandolim: “A Igreja é a alfândega da eternidade”. Uma clara alusão à ambição desmedida dos eclesiásticos de então.

Mas a verdade que nos enche de júbilo é que esse “Pão”, dantes comida de poucos, agora nos chega até nós graças — mil vezes graças! — à extraordinária visão literária de um laborioso operário das letras cearenses, chamado Cláudio Martins. Justiça lhe seja concedida pela meritosa iniciativa, pelo empenho e dedicação no conseguimento da feitura deste “Pão” que veio em boa hora saciar a fome de cultura de muita gente, d’aquém e d’além. O Sr. Cláudio Martins, indubitavelmente, galgou mais um degrau na invejada escada da imortalidade, posto que, não fora a sua capacidade de persuasão e luta, e certamente a feliz idéia teria fenecido ante os óbices que normalmente se interpõem em empreitadas de tão longo alcance,

como esta que se propôs realizar e que efetivamente realizou magnificamente.

Sensibilizados pela grandiosidade da idéia, os Srs. Lúcio Alcântara, o Prefeito acadêmico e Paulo Elpídio de Menezes Neto, Reitor da Universidade Federal do Ceará, não tergiversaram e prontamente aceitaram concorrer para o sucesso do projeto, que contou ainda com a decisiva colaboração dos escritores Sânzio Azevedo e Conceição Sousa, tendo a simpática e sempre solícita Secretaria da Academia Cearense de Letras posto à disposição dos atuais “padeiros” uma inestimável coleção a ela presenteada pelo mestre da “História da Literatura Cearense”, Dolor Barreira, de quem era grande amiga.

Pois bem, os cearenses, notadamente a juventude que escreve, antes privada de provar deste “Pão”, há-de reconhecer devidamente a sensibilidade, a coragem e o trabalho abnegado do Sr. Cláudio Martins em prol da preservação da memória literária cearense. Vale ressaltar que além d’ “O Pão”, a Academia, sob o comando daquele escritor, tem patrocinado a republicação de indispensáveis obras, dentro de projetos literários de grande alcance, como as coleções “Dolor Barreira” e “Antônio Sales”, bem como conseguido com extraordinário esforço a atualização das edições da Revista da Academia Cearense de Letras. Porém a só consecução desta edição fac-similar d’ “O Pão” constitui-se em motivo suficiente para que prestemos ao Sr. Cláudio Martins a nossa singela e despretensiosa homenagem.

((Transcrito de “O Povo”, Fortaleza, 22-agosto-1982).